

## APRESENTAÇÃO

### CURRÍCULO-RESISTÊNCIA-INVENÇÃO EM REDES DE PESQUISADORXS: perplexidades e desafios cotidianos

---

Maria Luiza Sússekind<sup>1</sup>  
Carlos Eduardo Ferraço<sup>2</sup>  
Marco Antonio Oliva Gomes<sup>3</sup>

Os desafios, quaisquer que eles sejam, nascem sempre de perplexidades produtivas. Tal como Descartes exercitou a dúvida sem a sofrer, julgo ser hoje necessário exercitar a perplexidade sem a sofrer. Se quisermos, como devemos ser sociólogos da nossa circunstância, deveremos começar pelo contexto sócio temporal de que emergem as nossas perplexidades (SANTOS, 1995, p. 17).

De quem e de que somos contemporâneos? A contemporaneidade é assim uma relação singular com o próprio tempo, que adere a ele e, ao mesmo tempo, toma distância dele; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que adere a ele através de uma dissociação e de um anacronismo (AGAMBEM, 2015, p. 22).

E ao mesmo tempo, vou reconhecendo histórias de professoras por este país afora, levando de lugar para lugar as histórias que me contam. Essas histórias narradas pelas professoras vão constituindo uma memória coletiva que, espero, possa contribuir para recuperar um autoconceito positivo e um sentimento de potência criadora, que um dia as professoras tiveram, já que hoje se assiste a uma ação orquestrada de desmoralização a partir da falsa ideia de que a escola risonha e franca morreu e que agora é preciso eficiência que acompanhe a lógica do mercado” (GARCIA, 2001, p. 45).

Desafios e perplexidades! Contemporaneidade, anacronismo e dissociação! É o que nos move em nossas pesquisas e aulas e que nos motivou a organizar, desde julho de 2016, os dois volumes sobre **POLÍTICAS EM CURRÍCULO: COTIDIANOS, DESAFIOS, RESISTÊNCIAS E INVENÇÕES**, a convite dos editores da *Revista Espaço do Currículo*. Nesse sentido, assumimos

---

<sup>1</sup> Jovem Cientista/FAPERJ. Pesquisadora UNIVERSAL/CNPQ. Coordenadora do GT de Currículo/ANPED. Líder do Grupo de Pesquisa Práticas educativas e formação de professores/GPPF. Professora PPGEduc-UniRio/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora PIBID/Interdisciplinar UNIRIO. Pós-Doutora em Currículo UBC/The University of British Columbia. E-mail: luli551@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor associado da Ufes, atuando nos Cursos de Mestrado e Doutorado em Educação na Linha de Pesquisa Cultura, currículo e formação de educadores. Desenvolve pesquisas em currículo com ênfase nos temas cotidiano escolar, conhecimentos em redes e formação de educadores. Coordena o GRPEs/CNPq Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos. É membro da Diretoria da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e da Associação Brasileira de Currículo (ABdC). É autor de artigos científicos, livros e capítulos de livros publicados em periódicos e editoras de circulação nacional. E-mail: ferraco@uol.com.br

<sup>3</sup> Professor adjunto da Ufes, com doutorado em educação na linha de pesquisa currículo, cultura e formação de educadores. Pesquisador do GRPEs/CNPq Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos, desenvolvendo investigações nos campos do currículo, da formação de educadores e dos processos inclusivos. É autor de artigos científicos e capítulos de livros publicados em periódicos e editoras de circulação nacional. E-mail: paramarcoantonio@uol.com.br

que, tematicamente, estaríamos dando espaço às práticas e aos espaços de incômodos e de resistências, como argumentaram Herneck e Carvalho e, ainda, criando alternativas políticas aos discursos oficiais de unificação e de homogeneização das escolas públicas em todos os níveis renunciando sua potência de “laboratório de existência”, como defendem Delboni e Kretli.

Em um ano em que nossa perplexidade foi, diariamente, exercitada por tantos acontecimentos e espetáculos que desafiaram toda e qualquer sensatez contemporânea, foi necessário reafirmar que nosso compromisso como professorxs-pesquisadorxs é o de trabalhar *reconhecendo histórias de professoras por este país afora, levando de lugar para lugar as histórias que nos contam*.

Aqui, em citação e em artigo, Regina Leite Garcia e Nilda Alves assumem seus papéis de destaque na tecelania dos *estudos nos-dos-com os cotidianos*. Numa defesa da epistemologia do praticante ordinário, do deslocamento da estrutura ao invés da análise com base em categorias pré-estabelecidas, seus escritos aparecem nas redes tecidas desde a primeira geração de cotidianistas, com artigos que potencializam os saberes-fazeres das escolas e seus praticantes, produzindo novos conhecimentos-significações e, com isso, permitindo a uns e a outros tecerem *novas-outras* redes pelo Brasil afora. Complementando e dando maior sentido de contemporaneidade à percepção da intencionalidade política no uso na noção de tessitura do conhecimento em rede, Manhães (1999) explica que:

[...] pensar em rede tem sido uma tática de praticantes (CERTEAU, 1994), uma sabedoria elaborada a partir da vivência e da reflexão sobre os acontecimentos e processos que nos habilita a relacionar as produções sociais e a subjetividade que nelas existe e, a partir desta concepção, criamos uma política da subjetividade, na qual seus participantes, homens e mulheres, se fortaleçam na formulação e encaminhamento de propostas para a transformação de suas condições sociais (p. 19- 20).

No volume anterior, afirmamos que por “mais descontextualizadas, impositivas, autoritárias e presentificadas nos cotidianos escolares que sejam as avaliações externas e os próprios documentos prescritivos curriculares, defendemos com Oliveira (2012) e Alves (2001) que currículos são sempre criações cotidianas. São múltiplas redes e processos realizados na complexidade do calor dos acontecimentos vividos diariamente (FERRAÇO; GOMES, 2014) requerendo de todxs nós, educadorxs-pesquisadorxs, posicionamentos político-epistemológicos que possam contrariar a insensatez e, porque não dizer, visão repressora e autoritária, dos defensores do movimento Escola Sem Partido” (FERRAÇO; SUSSEKIND, 2016).

No referido volume, diferentes artigos denunciaram as ameaças à alteridade subjacentes às políticas públicas de uniformização da educação. Ao mesmo tempo, foi importante ressaltar os movimentos de resistência, sobrevivência, invenção e recriação das escolas, sobretudo as públicas, presentes em diferentes locais do Brasil, o que nos permitiu dar visibilidade a diferentes intercâmbios entre os grupos de pesquisa.

Assim, o volume que aqui apresentamos tem como um de seus objetivos o que Pinar (2011) entende por “recuperar um autoconceito positivo e um sentimento de potência criadora, que um dia as professoras tiveram, já que hoje se assiste a uma ação orquestrada de desmoralização a partir da falsa ideia de que a escola risonha e franca morreu e que agora é preciso eficiência que acompanhe a lógica do mercado”.

Além de buscar fazer o que Pinar (2011) chama de “a inversão de tudo” o que xs pesquisadorxs cotidianistas tem proposto, é a assumpção da ordinariedade, e não da extraordinariedade, dos fenômenos *humanossociaisoculturais* e, portanto, cotidianos e, com isso, a decisão política de *estar do lado dos professorxs*.

Assim, os estudos que resultaram dos artigos que integram em grande parte os dois números de 2016 da Revista Espaço do Currículo residem na ordinaridade da ação social e reconhecimento do papel político dos professorxs e dos studentxs na criação de conhecimentos em currículo.

Os cotidianos das escolas, nos quais os sujeitos tecem suas redes de fazeres, onde vivem, agem, sentem sofrem, amam, os seus praticantes ordinários só existem quando cessa a busca da visibilidade 'panóptica de uma escola abstrata, vista do alto' (OLIVEIRA; ALVES, 2008, p. 59).

Nas redes de Alves e Garcia, caiu Pinar, formaram-se Oliveira, Ferraço, Gomes, Maldonado, Sussekind e outrxs. Oliveira enredou Santos, que enredou outrxs tantos. E mais do que em gerações, as redes rizomatizaram Certeau, Deleuze e Santos. Redes que nos levam em seus fios até Portugal de onde Alfredo, ela também leitora de Santos, Freire e Paraskeva, traz a resenha do livro recém lançado de Darder (ano) que, junto a Paraskeva vem consolidando a crítica da crítica ao campo curricular nos USA, com apoio de Alves, Oliveira, Sússekind e Pinar. Redes que valorizam certas práticas de pesquisa-narração que constituem aquilo que hoje nomeamos como estudos *nosdoscom* os cotidianos e que têm criado um “campo necessário para as atividades políticas ou bélicas” (CERTEAU, 1994, p. 209).

Deparamo-nos com um campo de pesquisa nebuloso, rico, onde o termo ‘a escola’ no singular é substituído pelas narrativas das múltiplas escolas, até numa mesma instituição. Ao invés de análises, comparações, descrições e definições, vemo-nos diante de conversas e relatos múltiplos. A cada relato-conversa o “*rebeldade cotidiano*”<sup>4</sup> insurge em sua diferença, deslocado a partir dos usos de diversas alternativas metodologicas...

Ao se eleger o foco de um estudo geralmente usa-se a palavra **campo**, que se refere ao conceito introduzido por Bourdieu (1975), campo de estudo, isto é, domínio estudado por uma ciência, como uma comunidade ou uma instituição.

Seja qual for a escolha que façamos como pesquisadores, o campo não deixa imune o pesquisador da influência das regras que o rege. Segundo Bourdieu, as regras definem o funcionamento de todo campo: regras impostas aos estranhos àquela realidade, regras de aceitação, de legitimidade e de reconhecimento pelos pares, regras éticas, hierarquias diversas e também as resistências da comunidade para reconhecer e legitimar abordagens inovadoras” (SÜSSEKIND, 2007, p. 39). Desobedientemente, por linhas de fuga, para escapar à alternativa da ciência pura (BOURDIEU, 2004), o campo do cotidiano desinvisibiliza-se nas redes tecidas “de lugar para lugar” e por todos os cantos, como poderemos ver nas referências aos artigos que compõem esse dossiê.

Assim, em *REDES DE CONHECIMENTOS E CURRÍCULOS: agenciamentos e criações possíveis nos movimentos estudantis recentes*, Alves e Santos problematizam, na **Sessão Especial**, narrativas dos estudantes e as fotografias dos movimentos de resistência para pensar a ideia de que a formação humana se dá em redes educativas múltiplas e diversas, relacionadas entre si de modos diferentes. Essas redes, com os conhecimentos-significações atuam nos processos curriculares, nas relações entre os tantos *dentrofora* das escolas.

Num movimento de contemporaneidade, anacronismo e dissociação, as autoras consideram que forças conservadoras se voltam para as escolas e as *prácticasteorias* que nelas são tecidas buscando, em especial, controlar os currículos em redes que acontecem nesses cotidianos e, com isso, buscando limitar a autonomia docente e dos estudantes em diversos

---

<sup>4</sup> A expressão rebeldia do cotidiano foi, de modo perspicaz, utilizada originalmente por Inês Barbosa de Oliveira em debates orais (GARCIA, 2003, p.16).

estados brasileiros que, como resistência, ocupam escolas e denunciam a crise na administração da educação pública.

Alves e Santos ainda buscam identificar agenciamentos diversos que atuaram na tessitura dessas ocupações, como os movimentos Occupy, pelo mundo, os movimentos grevistas docentes em 2013 e 2014 no Rio de Janeiro, os movimentos de ocupação das escolas em São Paulo etc., pensando na potência e nas possibilidades futuras de atuação desses movimentos sobre o currículo, rizomatizando com Certeau e Deleuze.

No primeiro artigo, a potente experiência educativa narrada por Crusoé e Soares traz resultados que apontam que princípios educativos do candomblé, tais como paciência, saber escutar e respeito às hierarquias, podem reverberar nos espaços educativos formais. Assim, a partir de pesquisa realizada no Terreiro Ilê Axé Maroketu, localizado na cidade de Salvador/BA, as autoras arguem o conceito de experiência na fenomenologia das relações sociais, em Schultz, para nos contar a história de uma *EXPERIÊNCIA EDUCATIVA NO CANDOMBLÉ E SUAS REVERBERAÇÕES NO COTIDIANO DA ESCOLA*.

Percorrendo as tessituras de redes, o fio *POLÍTICAS PRÁTICAS CURRICULARES EM EDUCAÇÃO INDÍGENA: o ponto de vista dos praticantes pensantes* nos levou da UERJ, no coração do Rio de Janeiro, até a tríplice fronteira na Amazônia, onde Peixoto e Oliveira relatam como seus percursos de pesquisa na região do Alto Solimões e do Vale do Javari no interior do estado do Amazonas vêm se desenvolvendo em busca de professores indígenas que estejam dispostos a conversar sobre suas políticas-práticas educacionais cotidianas.

E perguntam: O que nos revelam as narrativas de professores indígenas sobre as políticas-práticas curriculares com as quais conviveram em suas trajetórias escolares e de formação? Quais seus desafios e expectativas? Como essas trajetórias podem contribuir para que possamos praticar-pensar políticas-práticas curriculares comprometidas com a justiça social e cognitiva? E provocam: desafios e perplexidades. *Pensam-praticam* contemporaneidade, anacronismo e dissociação.

Nas dobras dos currículos, os resultados de pesquisa trazidos por Kretli e Delboni nos *desafiam* a lembrar que é pela garantia da diferença, nas existências e experimentações que lutamos e nos organizamos em redes. Como metodologia, no artigo *O COTIDIANO ESCOLAR COMO LABORATÓRIO DE EXISTÊNCIA: lugar de criação, experimentação e invenção*, as autoras utilizam as redes de conversações no cotidiano escolar, onde os encontros com as professoras são enredados por meio dos sentidos estabelecidos com a segunda versão do documento da BNCC (Base Nacional Curricular Comum), o que nos possibilita inquirir e criar outros/novos modos de pensar os cotidianos escolares.

Ainda no referido artigo, as autoras entendem a escola como um laboratório de existência, lugar de experimentação, de criação e de invenção, possuidor de potência e de força que se manifestam inventando novas/outras condições de vida. Assim, entre os fios dessas redes, vimos entendendo a importância da conversa, na aula, na pesquisa, na vida, como espaço dos currículos, do eu, do outro e da diferença.

Em *AS CONVERSAS NAS PRODUÇÕES DE POLÍTICAS CURRICULARES COTIDIANAS* é desafiando, com contemporaneidade as conversas de Ferraço, Alves e Oliveira que Rodrigues e Garcia trazem do município de São Gonçalo as *ubiquidades e particularidades* nos currículos e na formação. Discutindo a produção dos currículos no cotidiano e buscando compreendê-las no contexto da produção de políticas curriculares, as autoras trazem práticas docentes e suas narrativas como produções potenciais para reabilitar os sentimentos e as paixões enquanto forças mobilizadoras da transformação social (SANTOS, 1995). Com isso, reforçam a compreensão dos diálogos entre os professores e entre as escolas e as universidades como ferramenta que potencializa deslocamentos e produções de outros-novos saberes nas

negociações de sentidos com os currículos e na tessitura das redes de *fazeressaberes* docentes.

As narrativas de professoras que formam o corpus da pesquisa foram registradas em vídeo e estudadas, evidenciando: processos de interlocução e produção de saberes docentes; práticas mais coletivas e solidárias na produção dos conhecimentos nos currículos e importantes questionamentos sobre processos de centralização e controle dos currículos quanto às implicações que trazem para a justiça social e cognitiva.

Ainda se enredando à defesa da *difference* e valorizando os incômodos e resistências, embora numa perspectiva mais Foucaultiana, Herneck e Carvalho trazem o artigo *A DIFERENÇA EM SALA DE AULA: produção de incômodos e resistências* em que fazem a releitura de uma pesquisa sobre a percepção dxs professorxs em relação ao processo de inclusão escolar de estudantes em situação de deficiência a partir das experiências e sensações de docentes diante das diferenças que se manifestam no ambiente escolar.

Como contribuição de nossas tessituras paraibanas, Sousa e Pereira trazem, usando Ball e Bhabha no artigo *PARTE DIVERSIFICADA DOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: que política é essa?*, resultados de estudos que problematizam a parte diversificada dos currículos da educação básica, considerada pelxs autorxs como sendo um espaço importante para se pensar a diferença cultural no contexto da prática.

Com isso, concluem que a parte diversificada se caracteriza como discurso político com muitas ambivalências, tendo em vista sua significação atrelada a uma Base Nacional Comum Curricular, uma vez que a mesma se fundamenta na defesa de um currículo homogêneo com a produção de uma identidade nacional, desfavorecendo a negociação da diferença cultural.

Mais uma vez, as discussões anteriores nos forçam a pensar com Alves (2010) que, cotidianamente, xs praticantes das escolas criam currículos em múltiplos contextos de form(ação) diante dos desafios e perplexidades, *dentrofora* de seu tempo, mesmo que negociando com os currículos prescritos oficiais. Assim, com Santos (2010), podemos inferir que os praticantes dos cotidianos das escolas são, de fato, produtores, tradutores interculturais e, com isso, apostamos que suas epistemologias, do Sul, tecem redes de copresença e justiça cognitiva (VISVANATHAN, 2009; SANTOS, 2007).

A discussão trazida pelo artigo *CURRÍCULO E ATOS DE CURRÍCULO: importantes ferramentas para uma educação contextualizada na escola do campo* também afrouxa alguns laços teóricos do campo do cotidiano em nome da importância das temáticas ligadas ao tema da diferença e do compromisso epistemológico com o princípio de "beber em todas as fontes" defendido por Alves (2001).

No referido artigo, Araújo e Silva partem das redes tecidas no Sul da Bahia para delinear a relevância de uma educação que possa partilhar sentidos com o campo, capaz de promover diálogo e, ainda, refletir com as questões específicas deste espaço. Para tal efetivação torna-se indispensável a participação dos docentes e discentes como agentes em seu local de trabalho e estudo e, portanto, importantes mediadores de um currículo em ação, movente, ou seja, que está para além de documentos prescritos, mas que seja norteador das práticas pedagógicas vivenciadas-experenciadas nos cotidianos escolares.

Com isso, os referidos autores concluem que "em análise ao documento preliminar da BNCC, observa-se um notório retrocesso em relação à luta de muito tempo de pesquisadores e especialistas no que diz respeito a valorização e reconhecimento da diversidade cultural existente nos espaços escolares. Como considerar e trabalhar com a diversidade diante de uma Base Comum que colocam todos os indivíduos no mesmo patamar, mesmo sendo plurais e diferentes?

Ainda potencializados pela força do pensamento que difere, as redes aqui tecidas entre os diferentes grupos de pesquisa nos levam de volta à UERJ, com o texto de Soares e Vieira. O artigo das autoras, intitulado *PRECONCEITO E RESISTÊNCIA: o que nos dizem as pessoas trans sobre práticas políticas curriculares cotidianas* fecha, de modo problematizador, este dossiê.

Assim, como falam as autoras, neste momento em que uma onda conservadora avança sobre a educação e busca mecanismos para proibir, em todo o país, o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas, a intenção deste artigo é argumentar em favor da necessidade e da urgência dessa discussão, apresentando resultados de pesquisas que buscaram, por meio de conversas com pessoas trans sobre suas vivências escolares, desnaturalizar a produção dos corpos genericados e sexualizados, questionando a produção da diferença substancializada no "diferente" e apontando *práticas políticas* curriculares que engendram preconceitos, violências, discriminações ou mesmo a negação de direitos reivindicados ou adquiridos.

Ao final, inferem que os corpos trans, em seus trânsitos escolares, nos convidam a transpor as inúmeras fronteiras, arbitrariamente e constantemente fabricadas entre pessoas, comportamentos, conhecimentos e modos de conhecer, nos impulsionando a transgredir as padronizações que despotencializam a produção e a afirmação de subjetividades não formatizadas.

Os textos trazidos neste dossiê, como já destacado antes, têm como um de seus principais objetivos nos forçar a pensar, como defende Gomes (2016), os cotidianos das escolas "como espaços-tempos de tensões-conflitos de gêneros, de diversidade cultural, étnica, racial, sexual e de classes sociais, entre outros, que precisam ser levados em conta quando se pensa em políticas públicas para a educação".

Assim, fazendo coro com as ponderações do autor (2016), "estamos partindo do pressuposto de que as políticas públicas necessitam assumir as multiplicidades, as diferenças, as variadas formas de expressão e de produção de subjetividades e a liberdade também como o que é próprio da escola, ao invés de pensá-la apenas como lugar de controle e de busca pela harmonia com base na ausência de conflitos".

Entre os artigos apresentados à demanda contínua de avaliação, trazemos as *MUDANÇAS A PARTIR DE PROGRAMAS E PROJETOS: subsídios para compreensão da qualidade dos serviços educacionais em escolas rurais*, proposto por Silva a partir de uma pesquisa interessada em analisar as consequências relacionadas à implantação de programas e projetos na Microrregião do Brejo Paraibano, para desenvolvimento da rede e da infraestrutura das escolas, envolvendo as discussões sobre materiais didáticos e processos de formação.

Da rede de pesquisadores de Alagoas, Melo apresentou o artigo *O ENSINO DE SOCIOLOGIA E AS POLÍTICAS DE INDUÇÃO CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO*, no qual analisa os méritos e os limites de algumas políticas educacionais voltadas à melhoria da qualidade do ensino médio brasileiro, com foco na dimensão curricular, a exemplo do ProEMI e do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio. A investigação se dá à luz do materialismo histórico-dialético em suas riquíssimas contribuições ao estudo sociológico da educação.

O terceiro artigo apresentado à demanda continua aberta os nós do argumento sobre a importância de articulação das redes de pesquisas *nosdoscom* os cotidianos e suas potencialidades para *pensarpraticar* currículos e formação de professores. Em *O CLICHÊ E O PARADOXO DO TEMPO EM DELEUZE-GUATTARI: pistas para pensar as dimensões éticas, estéticas e políticas do currículo e da formação*, os autores Maldonado e Ferraço buscaram problematizar teoricamente algumas noções importantes presentes nos dois dossiês de 2016, contribuindo para a complexificação das pesquisas *nosdoscom* os cotidianos, tendo como referências as discussões e experiências vividas-praticadas em seus processos de pós-doutoramento com a *professoratecelã* Nilda Alves.

O artigo dos autorxs trata da discussão dos conceitos de clichê, máquina abstrata de rostidade, acaso e o paradoxo do tempo, com vistas à produção de pistas que nos forcem a pensar as dimensões éticas, estéticas e políticas do currículo e da formação. A partir de pesquisas realizadas tendo como principais intercessores Deleuze e Guattari, Maldonado e Ferraço elegem pensar o clichê e a possibilidade de seu esvaziamento, assim como a lógica do sentido e seus paradoxos, tendo as experiências que acontecem nos cotidianos das escolas e, ainda, as experiências de Alice no país das maravilhas, como agenciamentos potentes para a produção de possíveis que nos provoquem a ir além dos limites-territórios que, normalmente, fecham e condicionam os discursos sobre currículo e formação. Nesse sentido, também assumem o acaso e o paradoxo do tempo como intensidades que territorializam, desterritorializam e reterritorializam processos curriculares e de formação na imanência dos processos educacionais.

O texto *“PROBLEMATIZANDO OS CONCEITOS DE DIVERSIDADE E IDENTIDADE: os documentos da secadi e as implicações para o currículo”*, proposto por Schuchter e Carvalho, ambas da Universidade Federal do Espírito Santo, realizou uma análise dos conceitos de diversidade e identidade nos documentos produzidos pela Secadi, tendo em vista observar se o discurso governamental é apenas uma retórica discursiva, uma forma de promover as políticas integradoras, de tolerância em uma perspectiva do multiculturalismo conservador que abarca as diferenças no arcabouço da diversidade/pluralidade, que tem como proposta pensar o diferente como alguém a ser integrado/adaptado a uma norma/forma estabelecida/dominante, ou se esse discurso problematiza as diferenças, preconiza a comunhão/coexistência dessas diferenças e o diálogo intercultural, com possibilidades de potencializar as práticas curriculares vivenciadas/praticadas nas escolas.

Por fim, do Minho, com o olhar atento à diferença que vem da pesquisa com crianças ciganas, Moreira resenha o livro da pesquisadora americana Antonia Darder. A obra da autora intitulada *Cultura e poder na sala de aula. Bases educativas para a escolarização de estudantes biculturais* denuncia, de modo corajoso, a situação de crianças, com ênfase nos EUA, escalpelizando as bases estruturais que explicam a sua situação de exclusão do direito à uma educação progressista, democrática, inclusiva, valorizadora da diversidade, emancipadora e transformadora.

Em suas argumentações, Moreira nos leva a pensar que "tal como nos recorda Torres Santomé (2011), o séc. XX foi o século dos grandes avanços nos Direitos Humanos a nível mundial: foi o século do reconhecimento dos direitos das crianças, da mulher, das minorias... Foi o século das revoluções científica, tecnológica, ecológica, nas comunicações, nos sistemas educativos, entre outros; todavia, continuamos, no dealbar do séc. XXI, com níveis de pobreza e de exclusão social escandalosos, enquanto o fosso entre os ricos e os pobres se agudiza cada vez mais e a sociedade se torna cada vez mais desigual (segundo organizações com agendas tão díspares como a Oxfam e a OCDE, aproximamo-nos de uma situação em que 1% da população detêm 50% da riqueza mundial...)".

Desafios e perplexidades. Contemporaneidade, anacronismo e dissociação! Perplexidade diante do modo como a conquista dos direitos humanos e conquista da educação democrática acabam se tornando a garantia de sua violação. Como temos dito, "a partir da discussão de Santos (2013, p. 2) sobre os direitos humanos e, principalmente de sua afirmação de que 'a grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objecto de discursos [de direitos humanos]', buscamos tecer alguns sentidos a respeito do direito à educação, entendendo que a implementação de uma base se utiliza de tal determinação (in)contestável para projetar um futuro a partir da violação de sua própria premissa, tornando a maioria dos sujeitos das escolas objetos dos discursos de direito à educação e não os assumindo como sujeitos de direito à educação (SUSSEKIND, PELLEGRINI, 2016).

Assim, retornando à obra de Darder, pesquisadora do biculturalismo e defensora da desterritorialização do currículo e, ainda, ao olhar de Moreira sobre a mesma, bem como a todos os autores que nos ajudaram a compor os dois dossiês de 2016 da Revista Espaço do Currículo, estamos, cada vez mais convictos da importância e da força das redes de pesquisadores que potencializam as *práticas políticas* cotidianas que exercitam o pensamento que difere e que, a cada encontro, nos enlaçam e nos ajudam a resistir aos mecanismos de opressão e de diminuição do Outro que não cessam de ser fabricados arbitrariamente pelas atuais políticas governamentais.

Assim, transferindo a soberania epistêmica para o real social e, ao mesmo tempo, recusando a ambição legislativa da epistemologia e toda e qualquer possibilidade de soberania epistêmica, apostamos nos currículos em redes tecidos cotidianamente, que fazem da diferença a sua experiência-força. Assim, pela diferença, em redes, lançamo-nos ao desafio das escolas contemporâneas.

**Boa leitura!**

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O Mistério do Mal*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: Dp&a, 2001. p. 13-38.

ALVES, N. Redes Educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, L. et al. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 1-49.

BORDIEU, P. *Os usos sociais das ciências: por sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.

BOURDIEU, P; PASSERON, J.C. *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 1: As artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FERRAÇO; C. E.; SÜSSEKIND; M. L.; GOMES, M. A. Por que um dossiê que potencialize as práticas curriculares cotidianas?. *Revista Espaço do Currículo*, v.9, n.2, p. 175-183, Maio a Agosto, 2016.

GARCIA, R. L. Do baú da memória: histórias de professora. In: ALVES, N.; Garcia, R. L. (org.) *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MANHÃES, L. C. S. Angra das Redes: Formação de Educadores e Educadoras no Sul Fluminense. *Tese*, UFF, 1999.

GOMES, Marco Antônio. ... E sexualidades. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). *Currículos em redes*. Curitiba: CRV, 2016.

NUNES, J. A. O Resgate da Epistemologia. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 215-242.

OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas, sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

OLIVEIRA, I. B. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alli, 2012.

PINAR, W. Multiculturalismo Malicioso. *Currículo Sem Fronteiras*, Brasil, v. 9, n. 2, p.149-168, dez. 2009.

PINAR, W. *What is Curriculum Theory*. Second Edition, NY: Routledge, 2012.

SANTOS, B. S. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 78, n. 1, p.3-46, out. 2007.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-72.

SÜSSEKIND, M. L. Teatro de ações: arqueologia dos estudos nos/dos/com os cotidianos. Relatos das práticas pedagógicas emancipatórias nas escolas. 2007. 235f. *Tese* (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

SÜSSEKIND, M. L.; PELLEGRINI, R. "A escrita nunca escrita" ou por que (re)afirmamos nossa contrariedade à Base Comum. In: FRANGELLA, R. C. P (Org.). *Currículo, formação e avaliação: redes de pesquisas em negociação*. Curitiba: Editora CRV, 2016, p.129-150

VISVANATHAN, S. *The search for cognitive justice*. 2009. Disponível em: <[http://www.indiaseminar.com/2009/597/597\\_shiv\\_visvanathan.htm](http://www.indiaseminar.com/2009/597/597_shiv_visvanathan.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2016.